

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O URBANO: MEMÓRIA DA OCUPAÇÃO DA VILA
IRMÃ DULCE EM TERESINA-PI NA DÉCADA DE 1990**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a memória da ocupação da vila Irmã Dulce em Teresina-PI, destacando as múltiplas formas em que a cidade se manifesta através de seus agentes sociais e a relação que surgiu com a necessidade de uma gestão que vem caracterizar o espaço urbano. A cidade é aqui discutida como um espaço produtor e reproduzidor das identidades, representação e memória, exibindo a sociabilidade complexa na aglomeração populacional, podendo ser visualizados os contrastes sociais, bem como os conflitos existentes dos núcleos urbanos. Esta análise tem como recorte a cidade de Teresina – PI, na década de 1990, palco de transformações e contrastes que faz surgir inovações no corpo urbano da cidade. A vila Irmã Dulce, nasce de uma estreita relação dos órgãos de defesa a moradia, como a FAMCC (Federação das Associações dos Moradores e Conselhos Comunitários), partidos políticos como PT (Partido dos Trabalhadores), além da cooperação da igreja católica. Todo esse processo que deu origem a vila Irmã Dulce é um reflexo das problemáticas que vinha acontecendo no Brasil sobre ocupações urbanas, contudo, a vila Irmã Dulce se destacou por ter sido a maior ocupação da época, com cerca de 5 mil pessoas no primeiro dia de ocupação. (Jornal o Dia, junho de 1998). Nesse contexto, a luta dos pobres urbanos no final da década de 1990 em Teresina, faz surgir uma nova configuração de organização do espaço urbano. Desse modo a memória social, torna-se importante para a compreensão do funcionamento da sociedade, onde as representações dos sujeitos marcam as existências visíveis de grupos ou sociedades, permitindo assim que o sentimentalismo que há entre os sujeitos sociais com o espaço urbano faça surgir um sentimento de pertença à cidade. A partir desses encaminhamentos, apresentamos os caminhos metodológicos para esta pesquisa. Utilizaremos, portanto, de uma abordagem predominantemente qualitativa. Nesta direção buscaremos apreender os sentidos a partir de falas de autores/as e sujeitos pesquisados no que se refere a memória. No levantamento de informações sobre a ocupação da vila Irmã Dulce, utilizaremos a pesquisa documental (MAY, 2004), no qual buscaremos em jornais da época, documentos oficiais, além de outras formas de representação social que tratam sobre a ocupação. No trabalho de campo utilizaremos da observação direta (SILVERMAN, 2009), além de entrevistas semiestruturadas (BOURDIEU, 2009), que terá como meio de armazenamento de informações o gravador de voz.

Palavras-chave: Cidade; Luta; Memória.

Introdução

A sociedade moderna traz uma complexidade enorme em relação à memória e o cotidiano das cidades contemporâneas, colocando sempre em questão a pluralidade e imagens simbólicas, assim a identidade permanece incompleta, está sempre sendo transformada. Dessa forma, podemos entender a realidade social construída em diferentes lugares e tempos através da memória e das representações sociais.

Segundo Roberto Lobato Corrêa (1989, p.7): “O espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda do que de intensidade muito variável”. Dessa forma, o espaço urbano deixou de ser um espaço limitado ampliando-se com seus bairros e vilas formando os subúrbios. Ao longo do tempo surgem nas cidades pessoas com diferentes interesses que são frequentemente deslocadas para as margens, já que não se encaixam nos padrões hierárquicos concebidos pela elite das comunidades em que se encontram inseridas. KOWARICK (2009, p.22) afirma, que o processo de espoliação urbana é marcado pela falta de acesso aos serviços de consumo coletivo, todos têm direito, como por exemplo a serviços básicos como transporte, segurança, e moradia

Essa fragmentação dos núcleos urbanos, nos permite pensar e refletir o modo como os agentes sociais produzem seu cotidiano caracterizado como vida urbana, sendo um espaço de sociabilidades e de representações, tornando-se importante sua observação. Nesse sentido, a cidade torna-se um local produtor de significados, sendo importante se entender e identificar as formas de como o homem ocupa seu espaço através do tempo, bem como analisar a relação desenvolvida entre o homem e o espaço urbano, onde faz surgir uma nova forma de organização através das ocupações.

1. Cidade: Um Espaço Social.

O cotidiano urbano implica estabelecer a ordem e a organização social, mesmo em qualquer cidade, seja ela grande ou pequena, pois todas as cidades possuem locais públicos pertencentes a todos os habitantes. Relembrando que morar em uma cidade implica viver de forma coletiva, o indivíduo torna-se parte integrante de uma massa populacional e que as cidades estão cada vez mais fragmentadas existindo em torno da vida urbana, um aspecto de coletividade, havendo sempre um contato impessoal de seus habitantes.

Mesmo quando não se trata de massa, quando falamos em cidades menores estão presentes a concentração, a aglomeração de indivíduos, e conseqüentemente a necessidade de gestão da vida coletiva. Essa questão se coloca até a vida urbana mais simples e rudimentar: mesmo numa cidade perdida nos confins da história ou da geografia há pelo menos uma calçada ou praça que é de todos e não é de ninguém... Enfim há sempre na cidade uma dimensão pública de vida coletiva, a ser organizada. (Ronilk,1994, p.19-20).

A expansão da cidade implica na criação de espaços de vivências como os bairros e vilas, que servem como locais próprios para a convivência dos indivíduos. O bairro é um espaço social pertencente à cidade e ao mesmo tempo a vida cotidiana, uma relação que se entende como coletividade urbana.

O bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais: com ele ficam postos à disposição dos seus usuários 'lugares' na proximidade dos quais estes se encontram necessariamente para entender a suas necessidades cotidianas. (CERTEAU, 1996, p.46).

RUBEN OLIVEN (1995) enfatiza que a cidade é vista como uma potência social capaz de gerar as mais diferentes conseqüências na vida social. Esta multiplicidade na forma de observar a cidade atestam representações e imagens em diferentes tempos e por agentes sociais diversos. O espaço urbano construído de acordo com a relações dos sujeitos transforma a dinâmica social através do tempo, desse modo permite que as representações apareçam como uma forma de linguagem do imaginário que vai se multiplicando e circula por todas as partes de nossas cidades, com isso, a cidade contemporânea torna-se um labirinto de imagens.

É através das memórias que a cidade se apresenta como um fenômeno cultural, produtor e reproduzidor de suas identidades, estando ligado diretamente com a memória, podendo ela ser uma memória coletiva ou individual, um suporte para as lembranças.

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p.51).

Então a memória construída socialmente e individualmente, está relacionada com uma memória coletiva e individual, mantendo-as numa ligação de espaço e temporalidade, onde entendemos que a memória é a base construtora da identidade e torna-se inseparável da vivência da temporalidade. Portanto sendo um elemento indispensável para o sujeito se reconhecer como

pertencente a uma determinada comunidade, servindo para atender as necessidades coletivas de uma sociedade.

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.05)

Entendemos que as representações torna a cidade um local de ampla riqueza cultural, e ao mesmo tempo, trazem significados na construção do sujeito como agente social, sendo as representações importantes para a concepção do mundo social, trazidos pelos agentes sociais simbologias, colocada por Roger Chartier “forma simbólica todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação” (p.19).

Representações são sempre construtivas; elas constituem o mundo tal como ele é conhecido e as identidades que elas sustentam garantem ao sujeito um lugar nesse mundo. Assim, ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece e, ao mesmo tempo, elas o situam nesse mundo. É essa dupla operação de definir o mundo e localizar um lugar nele que fornece as representações o seu valor simbólico.(GUARESHI; JOVCHELOVITCH, 1995, p. 267)

As representações sociais se revelam pela percepção de emoções e sentimentos, onde o sentido de pertença ao espaço urbano, através do indivíduo, faz florescer sensibilidades, representadas por muitas em forma de palavras escritas ou faladas, mostrando em seus discursos uma visão do imaginário, representado como um agente que traz significados à realidade.

Desse modo a representação reflete ao imaginário social, importante para a compreensão do funcionamento da sociedade, onde essas representações marcam a existências visíveis de grupos ou sociedades, permitindo assim que o sentimentalismo que há entre os sujeitos com o espaço urbano faça surgir um sentimento de pertença a cidade, existindo uma complexidade de ações entre os agentes sociais na forma de como ocupa as novas áreas que surgem com o crescimento populacional dos núcleos urbanos.

Compreendemos que o apego dos agentes sociais pelo cenário urbano, se intensifica ao observamos que a cidade passa a ser um palco de diferentes grupos sociais, onde a imagem dos pobres como “classe perigosa” passou então a dominar o imaginário da elite social. O surgimento dos subúrbios, passou a representar uma forma de resistência e ao direito a cidade,

sendo criadas sobre a pressão que a industrialização exerce sobre a sociedade moderna, com isso, o crescimento demográfico nas cidades se acentuou com a chegada dos camponeses nos centros urbanos pelo chamado “êxodo rural”, dessa forma, percebe-se que as cidades modernas crescem desordenadamente.

A marginalização social encontrou a sua expressão territorial nos bairros *marginales* (expressão espanhola que designa espaços urbanos do mesmo tipo que as favelas) percebidos pelos especialistas latino-americanos como a manifestação mais típica da não-integração de amplos segmentos da sociedade urbana. De fato é nas grandes metrópoles que os desequilíbrios se tornam mais viáveis, na medida em que o espaço urbano traduz a segregação socioespacial e os problemas de inserção enfrentados pelas vagas sucessivas e crescentes de populações originárias do mundo rural. (VALLADARES, 2005, p.128).

Essa intensificação de crescimento dos núcleos urbanos por ondas migratórias, coloca em questão a organização e as formas estruturais que em que os grandes centros urbanos estabelecem.

A luta por moradia possui uma vinculação histórica, as cidades modernas trazem problemáticas estruturais que dificultam o acesso de todos ao direito a moradia, dessa forma, revela que o poder público não tem dado o suporte necessário aos grupos menos favorecidos que constitui a maioria da população, observamos com isso, a falta de planejamento, principalmente no que se refere a questão da moradia, sobretudo, essa falta de estrutura que compõe muitas cidades atualmente é o principal contribuinte para a aceleração das ocupações de formas irregulares nas cidades.

2. A cidade como Campo de Luta.

No final do sec. XX, a cidade de Teresina, capital do Piauí, torna-se grandiosa com inúmeros conjuntos habitacionais e ocupações de áreas urbanas, com isso surge várias favelas/vilas como a Vila Irmã Dulce localizada na zona sul da capital. A partir da década de 1990, Teresina passa a revelar, com mais evidencia os conflitos sociais, e a luta pela moradia, ao mesmo tempo um local produtor de uma nova realidade para a cidade.

A evolução da favela, isto é, a sua progressiva urbanização até torna-se um bairro popular, resulta, de um lado, da ação dos próprios moradores que, pouco a pouco, durante um longo período de tempo, vão melhorando suas residências e implantando

atividades econômicas diversas. De outro, advém a ação do Estado, que implanta alguma infraestrutura urbana, seja a partir de interesses eleitoreiros. Esta urbanização, contudo, desencadeia uma valorização de seus moradores e atrair outros. (CORREA, 1989, p. 31)

ANA FANI (2013) mostra a cidade em aspectos diferentes, enfatizando tudo o que engloba a cidade para que de certa forma dê forma ao espaço urbano, no que se refere ao uso do solo urbano, nos remete a ideia de que os agentes sociais tendem a ocupar um espaço para manter sua sobrevivência, no entanto para que essa forma de ocupação aconteça é necessário que se crie mecanismo de produção no local, dessa maneira o local passa a fornecer os meios e condições necessárias para que as pessoas possam tirar seus meios de sobrevivência, implantando infraestrutura adequada para a valorização do espaço.

Nesse sentido, a transformação que ocorre em torno da cidade de Teresina evidencia ao aprofundamento dos problemas sociais. A partir da década de 1980, Teresina, passa por uma expansão dos bairros, devido a construção de conjuntos habitacionais, modelando o corpo urbano da cidade. O desenho da cidade começou a ganhar contornos mais definidos, exibindo uma dinamização de sua população. Surgindo uma complexidade em enfrentar baixos níveis de qualidade de vida, tendo um amplo processo de urbanização, com grandes avenidas e ruas.

Devido a isso, Teresina vai se desenvolvendo e ao mesmo tempo observamos que precisa de um ordenamento do espaço e da vida urbana, sendo que através desse crescimento urbano faz surgir uma nova configuração da cidade com o aparecimento de novos espaços sociais denominados periferias.

Ressalte-se que Teresina, nas décadas de 1970, 1980, 1990, apresentou um ritmo de crescimento superior ao do Piauí figurando com o município mais populoso do estado, por se constituir decerto, o principal centro aglutinador de equipamentos e serviços e atividades e receptor de populações migrantes. (LIMA, 2003, p.53)

Teresina se apresenta como um centro de aglutinação de migrantes, surgem às favelas de forma lenta e gradual e conseqüentemente o aprofundamento dos problemas sociais. A década de 1990, apresenta uma nova configuração de expansão territorial da cidade, não sendo apenas as periferias produzidas por conjuntos habitacionais, mas sim pela ocupação de espaços vazios, através da luta dos pobres urbanos pelo direito à moradia.

Esse drama social produz efeitos perturbadores para o poder público e uma maior complexidade em torno da questão de moradia. Essa redefinição de espaço urbano em Teresina

é explicada pelo movimento social que luta pelo direito à moradia, e essa luta vai ganhando força no perímetro urbano.

As lutas por moradia modificam a imagem produzida pelos menos favorecidos, mudando também o cenário da cidade com definição clara dos sujeitos sociais, onde essas imagens surgem com maior intensidade nas condições sociais de sua população.

Alia-se, ainda, a esse quadro de empobrecimento acentuado dos setores de baixa renda, a forma de vida das populações rurais, forçadas a migrar para os centros urbanos na busca de sobrevivência, motivadas pela sua ou pelas condições de trabalho e vida no campo, constituindo traço marcante em suas trajetórias. (LIMA, 2003, p.60)

Com o aumento e a evolução das favelas e vilas no final da década de 1980 e início da década de 1990, evidenciamos que a pobreza, está cada vez mais presente na vida urbana de Teresina, envolvendo sérios problemas sociais. A pobreza urbana, faz parte da divisão dos grupos sociais, onde identificamos uma enorme diferenciação no que diz respeito aos bens e produtos consumidos, colocando a habitação como bem que poucos possuem:

A habitação é um desses bens cujo acesso é seletivo: parcela enorme da população não tem acesso, quer dizer, não possui renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel. Este é um dos mais significativos sintomas de exclusão que, no entanto, não ocorre isoladamente: correlatos a ela estão a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou o subdesemprego e mesmo o emprego mal-renumerado. (CORREA, 1989, p.29)

A exclusão de alguns grupos sociais ao direito à moradia, está ligada diretamente às péssimas condições em que a cidade oferece a sua população, onde esse grupo dos excluídos não tem escolha a não ser ocupar áreas do poder público ou privadas, dessa maneira, compreendemos as lutas dos agentes sociais como forma de resistência a todo processo que envolve as necessidades básicas de sobrevivência nos grandes centros urbanos.

É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, sobrevivência as adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade. (CORREA, 1989, p. 30)

A resistência é um suporte das representações desenvolvidas por diversos grupos sociais que não estão inseridos no sistema de privilégios que a elite possui, dessa forma, torna-se necessário compreender todo processo de luta pela sobrevivência na cidade. Em Teresina, essa luta se intensificou na década de 1990, onde a cidade, passa a ser um palco de grandes conflitos que envolve o direito à moradia, várias foram as modificações no corpo urbano em decorrência das ocupações em prol da tão sonhada moradia. Deste modo, os agentes sociais excluídos, assim classificados por Corrêa (1989), promovem modificações no espaço urbano a partir da necessidade e do sentimento de pertencimento em que esses indivíduos estão inseridos.

É nesse contexto de luta e apego a cidade que surge a vila Irmã Dulce, fruto das reivindicações e da falta de estrutura em que Teresina oferecia aos seus habitantes. De acordo com essa perspectiva, a memória sobre a ocupação da Vila Irmã Dulce, aparece como suporte pra compreender todo o processo de luta e de resistência, bem como compreender toda a estrutura oferecida pela cidade aos seus agentes sociais, sendo também importante para observamos todas as formas de representações em que seus agentes estavam inseridos.

Essa dinâmica em que a cidade está inserida, nos permite destacar que o cotidiano das cidades pode ser caracterizado pelo movimento diário que levam a produzir a transformação social do meio, através do modo de vida das pessoas que ainda marca suas identidades.

De acordo com Neves Delgado (2006), a memória é o principal contribuinte para a formação das identidades culturais, onde o cotidiano nas cidades leva a produzir acontecimentos na vida de sua população, acontecimentos esses que levam a florescer as lembranças que constituem o tempo e a memória, onde a dinâmica de lembrar se reporta ao âmbito da vida pública ou da vida privada, sendo a memória parte integrante para a construção cultural e ideológica do seu espaço social.

Compreendemos que a memória sobre a ocupação da vila Irmã Dulce cria aspectos de experiências que construí as relações de identidades entre os ocupantes e a cidade, as dificuldades enfrentadas e todo o processo de transformação do espaço social é entendido como ferramentas de conquista por todos aqueles que fizeram presente a essa luta. A moradia, é entendida como uma necessidade humana, forçam os pobres a vivenciarem práticas de vida rudimentares, mostrando a desigualdade existente na vida urbana e social, dessa forma a ocupação desses espaços é uma forma de concretizar o sonho da conquista de seu espaço.

A Vila Irmã Dulce, nasce de uma estreita relação dos órgãos de defesa a moradia, como a FAMCC (Federação das Associações dos Moradores e Conselhos Comunitários), partidos de esquerdas como Partidos dos Trabalhadores (PT), além da cooperação da Igreja Católica, tendo como principal representante o Padre Demerval Dias Brasil.

Todo o processo que deu origem a ocupação Vila Irmã Dulce é um reflexo das problemáticas que vinha acontecendo no Brasil sobre ocupações urbanas, nesse contexto, a data marcada para ocupação foi propositalmente, 03 de junho de 1998, dia que ocorreu diversas ocupações em vários Estados do Brasil, essa manifestação ocorreu de forma a chamar atenção do poder público para o problema de moradia, Teresina se destacou por ter tido a maior ocupação da época, com cerca de 5 mil pessoas no primeiro dia de ocupação. (Jornal O DIA, 1998.)

A ocupação da área que originou a Vila Irmã Dulce, em Teresina – PI, ocorreu de forma organizada e estudada por parte da comissão, onde a grande maioria dos ocupantes e os líderes da organização, estavam com expectativas de permanecer no local. Vale ressaltar que as lutas dos movimentos sociais, têm conseguido de certa forma, fazer com que o poder público repense as novas formas de produzir a cidade implicando na legitimação dos processos produzidos pelas populações que foram historicamente, marginalizadas por políticas de desenvolvimento urbano (LIMA, 2003).

Um dos principais pontos que envolve o processo de ocupação da Vila Irmã Dulce é compreender os critérios que contribuíram para a escolha da área, um dos principais fatores decisivos para esse questionamento foi a preocupação com o acesso ao transporte coletivo, por estar dentro do perímetro urbano, a proximidade com uma rede de abastecimento d'água e de energia elétrica nas proximidades do bairro Residencial Esplanada. E sobre tudo, o aspecto mais importante para as famílias envolvidas era o apoio jurídico e político, onde as entidades envolvidas na organização da ocupação, mediavam todas as negociações com o poder público.

A condição de conquista do território, através da ocupação, vai ganhando novas formas com no decorrer do tempo, sempre encontrando várias dificuldades no seu início, casas rústicas e de construção simples, era a realidade do local, só através da regulamentação e de infraestrutura vão obtendo novos formatos, mas a passos lentos e graduais.

Vale ressaltar, que a luta por moradia é também uma forma que muitos buscam de se sentirem partes integrantes de um espaço urbano. As práticas de ocupação, em suma, ocorrem devido o empobrecimento da população e o alto custo de vida nas cidades.

Na verdade, a consolidação das vilas e favelas na cidade reflete as incongruências da estrutura urbana, assentada, nos últimos anos, no avanço do processo de verticalização e ao mesmo tempo no aumento das próprias favelas e vilas, bem como no empobrecimento da população pela supervalorização do preço da terra urbana e dos aluguéis. (LIMA, 2003, p.90).

A pobreza urbana, está sempre referida ao universo constituído pelas vilas e favelas e é neste espaço social que as famílias pobres vivenciam a realidade da falta de infraestrutura que o poder público é o responsável. Dessa maneira, as práticas de ocupação se inserem dentro da sociedade como marginalizada, com isso muitos caracterizam as vilas e favelas como locais violentos e perigosas.

A prática de ocupação de terras existe como uma realidade na vida urbana de muitas cidades. Essa política de ocupação cresceu em um ritmo bastante acelerado e essas práticas, faz surgir uma nova roupagem no que diz respeito às práticas sociais, governantes passam a regular e urbanizar essas novas áreas, tornando-as parte integrante da malha urbana.

Considerações Finais.

A ocupação em Teresina, que originou a vila Irmã Dulce, trouxe a imagem de luta de pobres urbanos em busca de um espaço dentro da esfera urbana da cidade. Essa ocupação, nos mostra toda a complexidade nas relações que envolve a formação de novos espaços, dessa forma, o território é aqui entendido como um espaço que serve não apenas para moradia, mas como um local de resistência e de apego a cidade, assim a cidade torna-se um local produtora de sensibilidades que fazem com que esses grupos menos favorecidos se sintam parte integrante da vida urbana.

A luta por um espaço dentro da esfera urbana, aparece como memória vivida e a conquista do espaço representa para esses agentes sociais a possibilidade de enfrentar as adversidades em que a vida oferece. As mudanças no espaço da Vila Irmã Dulce, ocorreram de forma lenta, mas podendo ser visualizadas e comemoradas pelos seus habitantes como uma

forma de conquista através das lutas. Fica claro, que através da mobilização social os agentes de ocupação se sentem parte integrante da cidade por possuírem uma moradia.

Contudo, podemos destacar que os pobres urbanos, busca sair dessa esfera de marginalização em que a estrutura social impõe dentro dos grandes centros urbanos, através das lutas e conflitos, esses conflitos persistentes dos agentes sociais menos favorecidos, traz mudanças em seu cotidiano para a construção de um futuro diferente, enunciando em seus anseios o desejo de crescerem na vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Tradução Sérgio Góes de Paula – 2 ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. 9 edição, 1 reimpressão. – São Paulo: contexto, 2013. (Repensando a Geografia)

CASTRO Josué. *Geografia da Fome: O dilema brasileiro: pão ou aço*. 8ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. 1996. Ed. Vozes.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural. Entre Práticas e Representações. Memória e Sociedade*. 1990. Ed. Bertrand Brasil, S.A. São Paulo.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Industrialização e Urbanização. O espaço Urbano*, 1989, 4º ed. Editora Ática.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo, Identidade*. 2006. Ed. Autentica.

GUARAESCHI, A. Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.); – prefacio Moscovici, Serge - *Textos em Representações Sociais* – 2 . ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 1990. ED. Revista dos Tribunais LTDA. São Paulo.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 1992. 11º ed. Rio de Janeiro. Ed. DPeA.

KOWARICK, Lucio. *Escritos Urbanos/ fotografias de Tomás Rezende*. – São Paulo: Editora 34, 2009 (2 edição).

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

LEFEBVRE, Henri. *Noções Preliminares – O Direito à Cidade*. 1969, ed. Centauro.

LIMA, Antônia Jesuíta. *As Multifaces da Pobreza: Formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

M. BRESCIANNI, Maria Stella. *História e Historiografia das Cidades, um Percurso*. 2007. Ed. Contexto.

MAY, T. *Pesquisa Social - questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NETO, E. X. R; LIMA, A. J. *Padrão de relações entre atores sociais urbanos na gestão da moradia: a experiência de Teresina nos anos 1990*. In: LIMA, A. J. (Org.) *Cidades Brasileiras - atores, processos e gestão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NORA, Pierre. *Projeto História. Entre Memória e História a Problemática dos Lugares*. Educ. – Ed. Da PUC – SP. 1993.

OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de grupos Urbanos*. 1996.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol.5. n.10. 1992. p. 200-212.

RONILK, Raquel. *O que é Cidade*. 1994. 3º ed. Editora brasiliense.

VALLADARES, Licia do Padro. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.